

OS USOS DO BORDADO

Cleide Floresta *

Data da defesa: 25 de agosto de 2010

Instituição: Centro Universitário Senac-SP

O objetivo dessa pesquisa foi apresentar os usos do bordado no século XXI, enfatizando os significados que ele agrega às pessoas e às marcas em suas diferentes apropriações. Para contar essa história, a pesquisa foi dividida em duas partes. Na primeira, foi feita uma “costura” de todos os usos do bordado, mostrando sua funcionalidade e aplicação no mundo contemporâneo. O bordado é mostrado como forma de pertencimento, como um valor de mercado (ele diferencia peças), como resgate de identidade e como arte. Norteiam essa discussão conceitos como o de pós-modernidade - que fez nascer um sujeito fragmentado -, além de questões relacionadas ao tempo, que se separa do espaço, provocando inquietações nesse novo sujeito. Neste contexto é que o bordado aparece como espaço de fuga e sociabilidade. Retira as mulheres de um comportamento padrão e as remete a uma atividade que, deixando de lado a sua obrigatoriedade, passa a lhes dar prazer e realização. Alinhavando tudo isso, surge a história das próprias mulheres, que estão sempre relacionadas ao trabalho de agulhas, como se isso lhes fosse uma coisa nata. A necessidade de compreender o presente se apoiando no passado surgiu como o avesso de um bordado. Assim, vi esse fazer ganhar status e valores diversos, dependendo do seu uso. Enquanto hobby, dá orgulho, prazer, vira um exercício de sociabilidade, empresta sensação de pertencimento a um grupo. Enquanto labor,

* Jornalista, mestre em moda arte e cultura pelo Senac-SP e tem especialização em jornalismo cultural pela PUC-SP. Já atuou em grandes jornais, como Folha de S.Paulo e Agora São Paulo, tendo colaborado para a editora Abril, para a revista Arquitetura e Urbanismo, entre outras. cleidefloresta@uol.com.br

continua invisível: quem coloca o trabalho nos holofotes não é quem o faz, mas quem o “repagina”, aquele que lhe dá novo significado. E o que se percebe, muitas vezes, é que nessa transição o artesão deixa de existir. Como nos diz Canclini (1983), ele interessa como legitimador de uma cultura dominante. Assim este estudo chega ao segundo capítulo, revelando a relação do bordado com a moda, que retoma esse trabalho com mais intensidade a partir do final dos anos 90, utilizando-o para conquistar o status de exclusividade às roupas. Além disso, o estudo procura pontuar as diferentes formas como esse trabalho pode agregar valor a uma marca – tal como associando-a a um trabalho social, caso das grifes que usam diretamente a mão de obra de ONGs ou cooperativas. Falo ainda do modo como conceitos de sustentabilidade e brasilidade estão sempre atrelados a esse fazer, mesmo que esta seja apenas uma consequência e não, necessariamente, a busca da grife. Trilhando diferentes caminhos, esse fazer artesanal se mostra como a retomada de uma tradição – mesmo que apenas o estereótipo dela. E isso não precisa ser pejorativo. A marca do nosso tempo é justamente a sobreposição de significados, a descontinuidade. Podemos ser tudo. O virtual e o real se misturam e dão origem a novos processos. Tal como um bordado, que nunca é igual ao outro.